

Construção e Desconstrução de Imagens na Era dos templates

Julietta Costa Sobral, Carlos Eduardo Félix da Costa e Jackeline Lima Farbiarz (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 409-411. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: abril 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Este artigo integra a pesquisa de doutorado que em andamento em torno de práticas reflexivas inseridas no ensino-aprendizagem em Design e trabalha com a hipótese de que o investimento simultâneo na literacia visual, no conhecimento da História da cultura e no exercício de práticas que trabalhem a visualidade de modo analógico e digital, pode contribuir para o desenvolvimento da poética e do pensamento crítico do indivíduo.

Palavras chave: Imagem, poética – literacia visual – experimentação – construção de sentidos.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 411]

Desarrollo

Vivemos um momento ímpar no que diz respeito ao modo como as mudanças tecnológicas afetam nossas vidas. Nunca a tecnologia interferiu tão rápido e diretamente em nosso cotidiano. Com sua teia infinita e mutante, a internet cria e dilui paradigmas quase que diariamente. Nos últimos vinte anos mudamos completamente a forma de consumir e veicular informações, músicas, filmes, livros e imagens. Se por um lado esta rede nos aproxima, por outro, nos afoga em *bits e bites*. Nesse mundo inundado de informação e imagens – o mundo das Não-Coisas, como disse o filósofo tcheco Vilém Flusser – os mergulhos são cada vez menos profundos e reflexivos. A facilidade de disseminação da informação acaba produzindo precipitação, e por consequência, superficialidade na análise dos fatos. Tal precipitação está na raiz de grande parte dos problemas que vivemos hoje.

Estamos na era das respostas prontas, do sim ou não. *Templates* para todas as ações nos encaixotam vendendo uma ideia de “praticidade” e pseudoparticipação, nos distanciando cada vez mais do exercício do juízo crítico. Um bom exemplo é a nova atualização do iPhone, iOS 14, que inclui uma aba na tela inicial sugerindo ações, tais como ligar para algum contato específico, entrar em determinada rede social, ver determinada foto ou escutar determinada música. O aplicativo cria atalhos, ou seja, além de oferecer um espectro bastante limitado de reações (*likes e unlikes*), a tecnologia das redes agora nos sugere comportamentos, “facilitando” sua execução.

Nesse contexto, o design gráfico ocupa um lugar estratégico, potente e ao mesmo tempo perverso. Nunca as ferramentas do design estiveram tão presentes na vida de não-designers, nunca as imagens foram tão facilmente manipuláveis. Tal fenômeno acabou por estimular a existência de canais de comunicação que utilizam a imagem como principal instrumento. Estes canais, por sua vez, se revelaram um habitat perfeito para o surgimento de uma linguagem “vernacular” extremamente divertida e poderosa, os memes. Sua utilização nas eleições brasileiras de 2018 demonstrou claramente que, muito mais do que nos fazer rir, têm uma capacidade gigantesca de angariar

rebanhos e instigá-los uns contra os outros, constituindo uma verdadeira arma de guerra cognitiva e ideológica. Este quadro reacende uma vez mais o poder de manipulação contido no uso político de um discurso gráfico, agora em suportes que chegam até nós em âmbito privado, quase como um sussurro permanente ao pé do ouvido. Em seu livro “Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber”, o filósofo e educador Michel Serres (2013) aponta no momento que vivemos hoje, uma transformação histórica que pode ser comparada ao que ocorreu no neolítico, no início da era cristã ou no Renascimento (Ibid., p. 23). Serres argumenta que, do mesmo modo que a invenção da escrita liberou a mente dos gregos para outros usos, uma vez que não era mais necessário armazenar textos na memória, e a popularização da imprensa liberou a mente renascentista para colocar a inteligência acima do acúmulo de conhecimento, agora esta mesma mente passa por uma nova mutação que atinge a todos e particularmente à geração que já nasceu conectada.

O filósofo compara essa transformação com o milagre de Saint Denis: conta a lenda que, no século I em Lutécia, o imperador Domiciano teria mandado decapitar o recém-eleito bispo Denis no alto de uma colina. Por preguiça os soldados executaram-no no meio do caminho. Denis então pegou sua própria cabeça no chão e continuou a subir a colina. Para Serres (2013), a relação com computadores e celulares equivale a essa ideia de se ter uma cabeça externa ao corpo, cabeça essa que contém nossos dados, nossas intimidades e que é capaz de realizar buscas, armazenar e processar dados muito mais rapidamente do que o cérebro humano. “Todos nos tornamos Saint Denis”, diz ele. “Nossa cabeça está jogada à nossa frente.” (p. 36).

Serres se pergunta então: que tipo de mente, de inteligência permanece sobre nossos pescoços, uma vez que o acesso ao saber e à informação se encontra disponível o tempo todo? Ao refletir sobre essa questão, podemos pensar que o importante hoje não é mais a transmissão do saber, já que este pode ser operado por meios digitais.

A capacidade de articulação e de escolha dos saberes que interessam em meio à oferta de tudo o tempo todo, pode ser o mote dessa nova inteligência. A capacidade de pensamento enquanto conexão de saberes e experiências nos parece inerente ao ser, a vemos como a “cabeça translúcida” que Saint Denis mantém sobre seu pescoço enquanto carrega a outra em suas mãos. Ela diz respeito à capacidade que temos de pilotar nossas próprias trajetórias – e como tal, é inalienável.

No entanto e paradoxalmente, o fato de um conhecimento estar disponível não quer dizer que seja acessado – o excesso de oferta inibe a demanda, diz o “mercado”. Para que o acesso aconteça, é necessário que alguém tenha necessidade ou desejo de fazê-lo. Pessoas pouco curiosas podem se contentar em saber que todo o conhecimento se encontra a seu alcance a qualquer momento, sem jamais ter a necessidade de acessá-lo. Só a curiosidade, a inquietação, buscam respostas. A docilidade produzida pelo conforto dos templates sequer faz perguntas.

Não podemos negar que estamos todos imersos em imagens, e independente da faixa etária na qual nos encontremos, respondemos em maior ou menor grau com comportamentos que delas dependem. Observamos com alguma inquietação o modo como a geração que hoje está se graduando – primeira a viver essa lógica sem ter conhecido nenhuma outra – lida com isso. Nos questionamos em que medida esses jovens não seriam mais prejudicados por esta relação, uma vez que ela ocorre em um período de formação estrutural do indivíduo. Filhos de pais não preparados para lidar com a imensa transformação que vivemos talvez tendam mais a deslizar à deriva, nessa superfície lisa e sedutora dos filtros de Instagram, com suas infinitas possibilidades de edição e manipulação da autoimagem, sem perceber o canto da sereia que os prende ao mundo dos espelhos.

Se por um lado percebemos neles uma relação divertida com suas próprias representações, através dos véus que deformam e caricaturam, por outro, notamos uma relação que traz em si um potencial bastante nocivo para a autoestima: ao mudarem a cor e o formato dos olhos, a textura da pele, o nariz, o corpo, a altura, construindo uma imagem daquilo que gostariam de ser, sem se dar conta de que essa imagem também é uma brincadeira e que, como tal, só existe no lago de espelhos, muitos jovens acabam ficando tão insatisfeitos com a forma de seus corpos, que começam a querer muda-los aqui fora, no mundo em carne viva. Nos chama a atenção o aumento dos procedimentos estéticos entre os jovens ocorrido desde a inclusão dessas tecnologias de manipulação de imagens nos aplicativos das redes sociais. Como se não bastasse, imagens de vidas felizes, viagens mirabolantes, comidas maravilhosas e gatos fofos tendem a potencializar estados depressivos e angústia em quem as percebe como “verdadeiras”, alimentando o vazio existencial – a ansiedade – e a eterna insatisfação com aquilo que o mundo analógico é capaz de oferecer.

Num exercício de provocação, poderíamos questionar se o acesso aos recursos tecnológicos para construção de imagens não seria, nesse momento, inversamente proporcional à capacidade de compreensão do usuário dos efeitos que estes têm sobre ele. Ora, pior do que viver em uma bolha é não se dar conta de que se vive em uma bolha, é não ter a curiosidade de se perguntar o que

acontece para além daquilo que se tem diante dos olhos. Daí a urgência em se investir, dentro e fora das universidades, no ensino de uma literacia imagética e midiática que traga à luz os elementos constitutivos desta retórica, consumida e não processada diariamente.

Temos hoje, nos cursos universitários de graduação, uma grande quantidade de estudantes que já nasceram conectados e que, como tal, não possuem em sua memória nenhum resquício de vida apartada das redes. São munidos de outras capacidades e inteligências, possuem conhecimentos e sagacidades que nos escapam, mas por outro lado, muitos parecem sentir falta de algo que não conseguem identificar. Ao longo de quase duas décadas de prática docente, posso dizer que nunca me deparei com tantos jovens frágeis e inseguros. Ao mesmo tempo em que se expõem totalmente nas redes sociais, esses meninos revelam, por vezes, um grande medo de se expor ao mundo real.

Temem o risco que ele representa e, ao mesmo tempo, não sentem necessidade de ir lá fora explorá-lo. É como se as “facilidades” inerentes aos novos meios de comunicação acabassem criando uma espessa membrana de aparente conforto, que inibe a curiosidade em vez de atirá-la. Se por um lado nunca tivemos tanto acesso à informação, por outro, vemos muitos jovens inquietos e desconectados de suas raízes, que não percebem a importância do conhecimento crítico como ferramenta de posicionamento no mundo. Educados para obter resultados, performar e bater metas, têm muita dificuldade em absorver o próprio processo, andando sobre um terreno sempre liso, impermeável, vitrificado e escorregadio como as telas que frequentam no dia a dia.

Até mesmo as plataformas e ferramentas voltadas para estudantes e profissionais da área do design trazem modelos para publicações de naturezas diversas, o que não constitui um problema em si, mas, como dito anteriormente, induz muitos jovens estudantes a cederem ao conforto superficial de soluções pré-estabelecidas, obtendo resultados “corretos”, mas tediosos e muito semelhantes entre si. Vivemos uma espécie de paradoxo: se por um lado esse panorama tecnológico democratiza a construção de mensagens visuais, por outro pode-se perceber que boa parte dos estudantes de graduação passa por seu processo projetual sem refletir sobre o mesmo. Com alguma frequência as decisões são tomadas sem parâmetros conceituais, ou seja, a construção das mensagens visuais não se baseia em um processo construtivo. Nesses casos, o desejo de um mergulho mais profundo e arguto em determinado tema, capaz de gerar soluções potentes, que se distanciem do lugar comum, acaba dando lugar a soluções superficiais e previsíveis.

Vale ressaltar que as questões acima apontadas não dizem respeito à totalidade dos estudantes nem buscam negar suas capacidades e competências. Não se trata tampouco de estabelecer uma visão saudosista sobre o universo da construção da imagem, mas sim de refletir sobre a natureza da troca de saberes entre as gerações no âmbito do ensino-aprendizagem. Uma vez que eles nos ensinam todos os dias a navegar nesse mar de conectividade, o que podemos oferecer-lhes, nós que nascemos e vivemos boa parte da vida em um mundo analógico? A capacidade do improvisado, da gambiarra? Como podemos passar nossas experiências, conhecimentos e saberes de modo que possam incorporar às suas práticas existenciais

aquilo que os interessar? Como despertar-lhes o desejo de mover-se para além do aparente paraíso de facilidades propostas pela tecnologia, de modo que possam se expor às imagens sem serem tragados por elas? Como contribuir para que descubram na própria poética, a chave para uma existência criativa, plena e ativa?

O fazer digital nos afasta da relação com os materiais, uma vez que tudo pode ser resolvido fazendo-se o mesmo movimento. No mundo digital as etapas se sucedem rapidamente, se sobrepõem, e cada decisão apaga o caminho percorrido. Nesse terreno liso e excessivamente limpo, o ato de criar passa a ser sobre conhecer determinados recursos e os caminhos para executá-los. O pensar com as mãos que acontece no embate com a materialidade, na assimilação dos “erros” ao processo fica de fora, atenuado pela sedutora possibilidade do undo. Acreditamos que no resgate de práticas analógicas reside uma chave para acessarmos esse timing perdido. Não se trata de abandonar o universo digital, mas sim de poder entrar e sair dele quando a ocasião pedir, torná-lo um dos elementos passíveis de serem elencados no processo de construção de uma imagem e não o ver como o único lugar no qual todas as possibilidades residem.

A hipótese aqui apresentada é a de que, se trabalharmos simultaneamente a capacidade de ler – desmontar retoricamente – imagens, a experimentação plástica de caráter analógico em alguma fase do processo, e o registro reflexivo destes processos, poderemos contribuir para que os estudantes desenvolvam a musculatura necessária para empreender mergulhos profundos, despertando-lhes a curiosidade, atenuando a ansiedade e com isso, abrindo possibilidades menos fragmentadas de existência. Mais do que oportuno, nos parece necessário empreendermos toda ação que possa levá-los a encontrar um novo equilíbrio, uma nova homeostase, na qual haja espaço para a permeabilidade na troca com o mundo. Um solo no qual a curiosidade, o risco e a aventura do “erro” encontrem os nutrientes necessários para germinar.

Entendemos que na incorporação do saber analógico pode estar uma chave para unir passado e presente, criando possibilidades de um futuro mais harmônico. Não se trata de abandonar a tecnologia e o que ela propõe, mas sim de agregar a ela tais saberes. Como colocamos no início do texto, trabalhar as possibilidades de sermos originais voltando às origens. Estimulando nos estudantes atividades conectivas a nível sináptico e poético, que permitam a criação de relações inusitadas entre os elementos de uma imagem, buscamos potencializar a própria natureza de suas inteligências, o halo de luz que ocupa o lugar da cabeça em Saint Denis, instigando-lhes a curiosidade e a liberdade necessárias para que despertem do “grande sono da repetição indiferente e possam se mover para além desse caldo espesso de imagens no qual estamos todos imersos.

Referências

- Aloa, E. (2015). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte, Autêntica,
- Cardoso, R. (2011). *Design para um mundo complexo*. São Paulo, Cosac Naify.
- Deleuze, G. (2017) *Conversações*. São Paulo, Editora 34.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (2019). *Mil platôs*, vol.1. São Paulo, Editora 34.
- Didi-Huberman, G. (2017). *Quando as imagens tomam posição*. O olho da história I. Belo Horizonte, UFMG.
- Flusser, V. (2007). *O mundo codificado, por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo, Cosac Naify.
- Freire, P. (2020). *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro, Paz e terra.
- Glaser, M.; Ilic, M. (2006). *The Design of Dissent: Socially and Politically Driven Graphics*. Rockport Publishers.
- Han, B. (2018). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Hooks, B. (2019). *Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade*. São Paulo, Martins Fontes.
- Josso, M. C. (2010). *Experiências de vida em formação*. São Paulo, Paulus e Natal, EDUFERN.
- Kress, G.; Leeuwen, T. V. (2001). *Reading images, the grammar of visual design*. Londres, Routledge.
- Maturana, H. (2017). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte, UFMG.
- Rancière, J. (2016). *O destino das imagens*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- Schön, D. (2000). *A Educando o profissional Reflexivo, um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre. Artmed.
- Sennett, R. (2020). *O artífice*. Rio de Janeiro, Record.
- Serres, M. (2013). *Polegarzinha*. Rio de Janeiro, Bertrand.

Resumen: Este artículo integra la investigación doctoral en curso en torno a las prácticas reflexivas insertas en la enseñanza-aprendizaje del Diseño y trabaja con la hipótesis de que la inversión simultánea en la alfabetización visual, en el conocimiento de la Historia de la cultura y en el ejercicio de prácticas que trabajan la visualidad de forma analógica y digital, puede contribuir al desarrollo de la poética y el pensamiento crítico del individuo.

Palabras clave: Imagen, poética - alfabetización visual - experimentación - construcción de sentidos.

Abstract: This article integrates the ongoing doctoral research around reflective practices inserted in teaching-learning in Design and works with the hypothesis that the simultaneous investment in visual literacy, in the knowledge of cultural history and in the exercise of practices that work visuality in an analog and digital way, can contribute to the development of poetics and critical thinking of the individual.

Keywords: Image, poetics - visual literacy - experimentation - construction of senses.

(*) **Julietta Costa Sobral:** Doutoranda e mestre em Design pela PUC-Rio, onde leciona desde 2002. Designer, fotógrafa e pesquisadora. É autora do livro “O Desenhista Invisível”. Criou e dirige o Instituto Memória Gráfica Brasileira. **Carlos Eduardo Félix da Costa:** Doutor em Linguagens Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ, e mestre pela mesma instituição. Artista plástico, professor e pesquisador no departamento de Artes e Design da PUC-Rio. **Jackeline Lima Farbiarz:** Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2001). Atua como Diretora do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio onde é também Professora Associada e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Design.